

FLORES FUNESTAS

A matilha

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem ;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, callido e penetrante,
Que na rapida fuga a victima arquejante
Vae deixando no ar, perfido e traiçoeiro ;
Todos, num turbilhão phantastico, ligeiro,
Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, gyram,
E cheios de furor phrenetico respiram ;
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,
Arrojam-se a correr.— Vão por trilhos diversos,
Esbrazeando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem num momento os valles e as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da presa, emfim, nos musculos cançados,
Cravam, com avidez, os dentes afiados.

Não de outro modo,— assim, meus soffregos desejos,
Em mantilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor das languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmias florescentes
Que o teu contorno imprime às roupas eloquentes:
O dorso avelludado; electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino;
O cabello revolto em anneis perfumados,
Em fofos turbilhões, elasticos, pesados;
As fibrilhas subteis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos;
A exacta correcção das azuladas veias
Que palpitam, de fogo intumecidas, cheias,
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vae encontrar a presa,— o gozo,— em tua boca.

A Nuvem

Sulcas o ar de um rastro perfumoso,
Que os nervos me alvoroça e tantalisa,
Quando o teu corpo musical deslisa
Ao hymno de teu passo harmonioso.

A pressão do teu labio saboroso
Verte-me na alma um vinho que electriza,
Que os musculos me embebe, e os nectarisa,
E afrouxa-os, num deliquio languoroso.

E quando junto a mim passas, creança,
Revolta a crespia, luxuosa trança
Na espadoa, arfando em turbidos negrumes,

Naufraga-me a razão em sombra densa,
Como si houvera sobre mim suspensa
Uma nuvem de callidos perfumes.

Passelo matinal

Hontem, pela manhã, do jardim atravez,
Eu te escutava o passo, — o hymnode teus pés,
Que, perfumando a relva e inebriando os trilhos,
Como unicos signaes, deixavam os rastilhos
De uma essencia subtil, de uma fragrancia rara,
Que jamais perfumista em vidros encerrara ;
Cheia de uma attracção violenta, secreta ;
Doce como o vivaz extracto da violeta ;
— Um incenso, a que a arte, apurando os seus meios,
Aos vegetaes sondando os mysteriosos veios,
Abrindo, interpretando as almas rescendentes,
Que enchem os corações das flores eloquentes,
Jamais descobrirá. — E que magia acaso
Póde surprehender, encarcerar num vaso,
Esse fluido fugaz, fatuo, vivo, ideal,
Da nuvem, que te envolve o corpo sem rival ?

Ao sentir-te passar, fundia-se a alvorada,
Derretida em clarões radiosos, despenhada
Em avalanches de ouro, em rios de carmim
Sobre leitos azues ; — e atravez do setim
Do nevoeiro molle, adelgaçado, escasso,
Multiplicando a fôrma, a luz, ferindo o espaço,
Rôta em fitas de fogo, em largas refrações,
Brilhava, semelhando um bando de pavões,
Que abrisse em vasto plaino as rodas cambiantes
Dos leques festivaes das caudas deslumbrantes.
Vacillavam, ao longe, as florestas em flôr,
Ebrias de luz e sombra e confuso rumor.
Gorgeiavam, ao ver-te, os murmuros caminhos,
Das folhas no bulir, na voz dos passarinhos.
A natureza arfava em fremitos suaves.
Sussurrava, brilhando, o azul, — florido de aves.

Tudo, em torno de nós, num extase suspenso,
Parecia sorver, num hausto longo, o incenso
Que exhalavas, passando, em callidos vapores.
Num espasmo de gosto, o espirito das flores,
Fremente, mal retinha o halito incendiado.
—E então julguei ouvir, bem distincto, no ouvido,
Uma, que a todas mais sobreexcedia em graça,
Murmurejar: «Silencio! é nossa irmã que passa!»

A voz

Enlanguece-te a voz sonora e rica
Um sympathico timbre insidioso,
Que em meu ouvido, em fremito nervoso,
O vario acôrde grava e multiplica.

No sopro molle, tepido, me fica
Suspensa a alma, em pasmo deleitoso,
Como a ave do ninho harmonioso
Que a tua voz no halito edifica.

Quando lhe escuto a musica enervante,
Abate-me um torpor morbido, quente,
Que me intumece o sangue palpitante.

E' que ella exhala o fluido dissolvente
Do funesto elixir inebriante
Que te embalsama o rubro labio ardente.

A esphinge

Teus braços, quando me cinges,
Serpeiam com gestos tredos;
Tu tens no todo os segredos
E os mysterios das esphinges.

Tuas pupillas alaga
Não sei que acerba ternura,
Cuja luz cruel me afaga,
Cujo afago me tortura.

Unge-te o seio moreno
Um perfume suffocante,
Suave como um calmante,
Morbido como um veneno.

Freme-te a alma fatal
No fragil corpo nervoso,
Como um philtro perigoso
Numa prisão de crystal.

Para estancar os desejos
Que teu sangue tantalisam,
Teus labios prodigalisam
Dentadas por entre beijos.

Com sarcasmos me apunhalas ;
Depois as feridas crúas
Ameigas com a luz que exhalas
Dos teus olhos — negras luas.

Tua palavra me é dura,
Às vezes, pelo sentido,
E doce, pela brandura
Com que me trina no ouvido.

Ha uma alma que suspira
Em cada ponto do espaço
Quando caminhas : teu passo
Murmura como uma lyra.

Os teus lenções apaixonas
Com a gentileza que apuras
Nas languorosas posturas
Em que o teu corpo abandonas.

Dos primores de que és feita
A nenhum dou primazia :
E' do conjuncto a harmonia
Que os meus sentidos sujeita.

E eu te amo, belleza fatua,
Minha perpetua loucura,
Como o verme a flôr mais pura,
E o musgo a mais bella estatua !

THEOPHILO DIAS.